

PSICANALISTA: PROFISSÃO IMPOSSÍVEL

*Rita de Cássia de Araújo Almeida**

RESUMO:

Freud considerava analisar, assim como educar e governar, uma tarefa impossível. Lacan parte desta afirmação freudiana para construir sua teoria dos discursos. O discurso do mestre, o discurso universitário, o discurso da histérica e o discurso do analista são as quatro modalidades de laço consideradas por Lacan – quatro diferentes maneiras de nos relacionarmos com o outro – todos eles igualmente impossibilitados de dar conta do real, todos eles frágeis e imperfeitos. O mal-estar e o fracasso inerentes aos nossos modos de enlaçamento alcançam, no entanto, um lugar privilegiado no discurso do analista, o que faz deste discurso o único que tem como fundamento ser capaz de assumir suas impossibilidades.

PALAVRAS-CHAVE: Mal-estar dos laços. Posição do analista. Teoria lacaniana dos quatro discursos.

* Psicóloga. Psicanalista. Mestre em Educação pela UFJF. Membro da equipe técnica do CAPS Casaviva de Juiz de Fora/MG. Coordenadora do CAPS Casaberta de Lima Duarte/MG. Supervisora clínico-institucional do CAPS ij de Juiz de Fora/MG. Endereço: Rua Paraisópolis, 154/02 Manoel Honório. Juiz de Fora/MG, 36 051-530. Email: rcaalmeida@ig.com.br; ritalmeida2005@oi.com.br.

“O que será que será
Que dá dentro da gente que não devia
Que desacata a gente que é revelia
Que é feito aguardente que não sacia
Que é feito estar doente de uma folia
Que nem dez mandamentos vão conciliar
Nem todos os unguentos vão aliviar
Nem todos os quebrantos toda alquimia
Que nem todos os santos será que será
O que não tem descanso nem nunca terá
O que não tem cansaço nem nunca terá
O que não tem limite”

(Chico Buarque de Holanda¹)

1 INTRODUÇÃO

Em seu texto clássico, *O mal-estar na civilização* ([1929]), Freud vai destacar que a fonte de sofrimento mais penosa para nós é resultante de nossas relações com os outros. Mal-estar que sempre ronda toda a forma de laço e que é o preço que pagamos pela “perda do paraíso”, pelo ingresso no universo simbólico da linguagem. Ao optar pela linguagem o ser humano renunciou à possibilidade de acesso ao real, que se tornou para nós, impossível de ser completamente acessado. O mal-estar dos laços é, portanto, o mal-estar da linguagem, que não é capaz de dar conta de todo o real.

Freud, em *Prefácio à juventude desorientada*, de Aichhorn (1925), se refere a três profissões consideradas para ele como impossíveis: governar, educar e curar. Mais tarde, em *Análise terminável e interminável* (1937), curar é substituído por analisar. Essas profissões representam na teoria freudiana, diferentes maneiras de fazer laço, diferentes maneiras de tentar contornar o impossível. Essa consideração freudiana vai ser retomada por Lacan (1969-1970), ao elaborar sua teoria dos discursos. Os quatro discursos da teoria lacaniana são quatro maneiras de fazer laço social, que vão encobrir as três profissões citadas por Freud. Lacan (1969-1970) inclui ainda a modalidade de laço inaugurada pela histérica: fazer desejar, que não se trata de uma profissão, completando assim, quatro diferentes maneiras de nos

¹ Partes da letra da música: “O que será?”.

relacionarmos com o outro, inaugurando quatro modalidades de discurso: o discurso do mestre, o discurso da histérica, o discurso universitário e o discurso do analista. O discurso do mestre se refere ao ato de governar, o discurso universitário se vincula ao ato de educar, o discurso do analista, ao ato de psicanalisar e o discurso da histérica está ligado ao ato de fazer desejar.

Petri (2003) nos lembra que o laço é um nó que se desata sem esforço. Temos assim, que os laços sociais que os discursos tentam articular são provisórios, frágeis, incapazes de amarrar todo o real presente. Com efeito, todas essas modalidades de laço carregam em si algo do real, pois sempre haverá uma perda, sempre haverá um mal-estar, sempre haverá um mal-entendido; algo do impossível de ser todo representado.

Sendo assim, afirmar que analisar é uma tarefa impossível é partir de uma referência importante: sempre haverá alguma espécie de fracasso nessa forma de laço. Todavia, a questão do fracasso inerente a toda e qualquer tentativa de produzir enlaçamento, vai adquirir uma posição especial na forma de laço inaugurada pela psicanálise. Discutiremos neste artigo como o psicanalista pretende lidar com o fracasso inerente ao ato de psicanalisar.

2 O QUE É SER PSICANALISTA?

Está é uma questão muito cara aos psicanalistas e que abordaremos partindo do ensino de Lacan, em seu *Seminário 17*. Após a formulação da teoria dos quatro discursos, proposta por Lacan nesse Seminário, fica bastante claro que ser psicanalista é tão somente adotar uma posição discursiva diante do Outro.

É oportuno entendermos também que não é possível ser todo psicanalista, ou seja, existe um quanto de psicanalista que pode se tornar – como bem nos lembra Jerusalinsk

(1999) – ao evocar a citação de Lacan em seu *Seminário: O Saber do Psicanalista*. Dessa maneira, não se é psicanalista totalmente e nem todo o tempo, pois como veremos mais adiante, só se pode passar pela posição do analista, não se pode permanecer nela.

Lacan (1967) dirá que há um real em jogo na formação do psicanalista. Partindo de tal afirmação entendemos que apesar da experiência do psicanalista – e, portanto da psicanálise – se fundar num saber não se trata de um saber que pretende ser todo o saber, pois haverá sempre um não-saber sobre o qual não teremos domínio.

Com Lacan (1969-1970) também aprendemos que, para que haja psicanálise, é necessário que o sujeito – o analista – adote uma determinada posição do diante do Outro: a posição de objeto *a*. Isso quer dizer que o analista – apesar de ser chamado para dar respostas para as questões de alguém ou de alguma situação – não pode se deixar levar pela tentação narcisista de respondê-las, pois, será sempre a sua resposta que de nada servirá para o outro. Calar a sua própria verdade para escutar a verdade do outro, tornar-se um objeto opaco para que a singularidade, o sujeito do inconsciente e seu estilo apareçam do lado do Outro; essa é a descoberta freudiana responsável pela invenção da psicanálise.

3 A DESCOBERTA FREUDIANA

É sabido que Freud inventou a psicanálise no início do século passado, inaugurando uma maneira totalmente inovadora de tratar de uma doença que desafiava os médicos da época: a histeria. O que ocorria é que, tradicionalmente, os médicos cuidavam das histéricas exercendo tão somente um comando de mestria ou de saber sobre elas. Ou seja, avaliavam os sintomas da paciente e – baseados em um saber da medicina e sustentados pelo seu poder de médico – determinavam a condução do tratamento. O que Freud percebeu é que

tal condução terapêutica não funcionava com as histéricas, e foi assim que produziu sua grande inovação: uma forma de tratamento onde o médico não exerceria nenhum domínio, nem pelo saber e nem pelo poder. A proposta seria, ao contrário, o avesso disso. Ao se utilizar da psicanálise para tratar as histéricas, Freud buscou se eximir de ter a mestria e o comando do processo de cura, mantendo-se opaco para que a verdade do outro – no caso, daquelas mulheres – pudesse comparecer.

Ao se dispor a escutar as histéricas, Freud percebeu que havia algo nos sintomas que elas produziam que estava para além de um possível bem-estar ou uma suposta razão “normal” ou generalizável. Os sintomas abrigavam um para além do princípio do prazer (FREUD, 1920); abrigavam sofrimento e prazer sem que se pudesse delimitar, com exatidão, onde começava um e terminava outro. Os sintomas satisfaziam um desejo que não tinha nenhuma conotação saudável ou normal. Rajchman (1993, p. 33) irá dizer que Freud formulará com as histéricas a grande questão ética da psicanálise: “O que fazer com este desejo para o qual não havia cura?” Tal dificuldade, imposta para a psicanálise, desde o seu nascedouro, fez Freud pensar na psicanálise como uma tarefa impossível. No entanto, veremos mais adiante que, ao acolher o impossível como dimensão da psicanálise, Freud não permitiu que ela caísse na impotência.

Freud se colocou na posição de nada saber sobre o desejo das histéricas, “oco de saber” – dirá Lacan (1967, p. 255). Estar oco de saber, no entanto, não significa não querer saber, ou fingir não saber, e sim manter o lugar de saber vazio para que possa ser preenchido pelo saber do outro. Partiremos da teoria lacaniana dos discursos para compreendermos melhor esta posição de lugar vazio, que nos exige a posição de analista.

4 A TEORIA LACANIANA DOS DISCURSOS

O conceito de discurso aparece em vários momentos no ensino de Lacan, inicialmente, como equivalente à fala, ao dito. Entretanto, é em seu *Seminário 17* que Lacan (1969-1970) vai conceber o discurso para além da fala, entendendo-o como produtor de laço social.

Mediante o instrumento da linguagem instaura-se um certo número de relações estáveis, no interior das quais certamente pode inscrever-se algo bem mais amplo, que vai bem mais longe do que as enunciações efetivas (LACAN, 1969-1970, p. 11).

Uma das tarefas da linguagem seria, então, possibilitar que nos articulemos com o Outro, articulação para a qual há um aparelhamento lingüístico que Lacan chamará discurso. Por essa vertente, entendemos o discurso como liame – laço social – capaz de articular o campo do Sujeito ao campo do Outro, articulação que se faz não somente pela palavra, pela fala. O discurso é, como dirá Lacan: “sem palavras” (1969-1970, p. 11), ou seja, se apresenta para além das palavras. O discurso é fundado no dizer, dizer que se expressa mesmo quando não há palavras.

Essa noção de discurso corresponde ao ensino de Lacan que vai ser inaugurado pela concepção do objeto *a*, demarcando uma nova vertente de seu ensino, na qual Lacan desloca a psicanálise de uma operação no campo da linguagem, para uma operação no campo do gozo (QUINET, 2006). Lacan vai dizer que sua formulação, que tinha antes dois pés e depois três, agora apresenta um quarto pé, que seria o objeto *a* (LACAN, 1969-1970). A primeira formulação triádica se refere ao sujeito \$ que emerge entre dois significantes. No intervalo entre S1 e S2 surge o sujeito da psicanálise, o sujeito do inconsciente.

S1 → S2

§

Mas o que Lacan (1969-1970) vai nos apresentar no Seminário 17 é um quarto elemento, pois que, a operação citada acima, não ocorre sem resto, ela apresenta uma perda. “É isto o que designa a letra que se lê como sendo o objeto *a*” (Ibid., p. 17).

O objeto *a* é o objeto perdido, que Lacan vai dizer ter extraído da teoria de Freud no texto Além do princípio do prazer, quando vai tratar da repetição (Ibid.). Nesse texto, Freud considera que nem sempre tendemos a buscar o prazer e evitar o desprazer, pois, há algo que se repete; algo que nós repetimos, e que não se submete fielmente a essas duas premissas. A proposta de Freud (1920) é que as sensações de prazer e desprazer têm relação com a quantidade de excitação presente na mente, o que aumenta a excitação produz desprazer e o que reduz a excitação é tomado de maneira prazerosa. Para além do princípio do prazer existe, assim, o que se repete, por tender a produzir um nível mínimo de excitação: a tendência ao “retorno à quiescência do mundo orgânico” (FREUD, 1920). Sendo assim, a repetição em Freud tem a ver com o que tende a morte; é o conceito de gozo tomado por Lacan, o destino natural das coisas. Na verdade, para Freud (1920), a vida seria aquilo que resiste a morte, ou seja, na verdade tendemos ao gozo, à morte, sendo assim, a possibilidade de vida, de estarmos no mundo, consiste em conseguir freá-lo. A linguagem se incluiria numa tentativa de frear o gozo, ao explicar, ao querer saber, ao entrarmos no discurso, nos é possível romper com a pulsão para a morte. O gozo ilimitado é mortífero e viver, fazer laço com o mundo, implica em perda de gozo, o que tentamos fazer mediante o aparelhamento da linguagem – através dos discursos. O discurso para Lacan (1969-1970), portanto, cumprirá a função de aparelhar o gozo, tentar dar conta do ilimitado do gozo, o que faz com que cada um dos discursos se incumba de revelar modalidades distintas de gozo, diversas maneiras de tentar contornar o incontornável.

As quatro variações – modulações de gozo – propostas por Lacan serão determinadas pela composição de quatro elementos (os significantes S1 e S2, o sujeito \$ e o objeto *a*) distribuídos em quatro lugares (o agente, o outro, a produção e a verdade). Nas palavras de Lacan (Ibid., p. 18): “esse aparelho de quatro patas, com quatro posições, pode servir para definir quatro discursos radicais”. Esse aparelho quadrípode será matematizado da seguinte maneira:

Os lugares



Os lugares poderão ser ocupados por quatro elementos distintos e, a cada quarto de giro, fundarão um novo modo discursivo. Para começar, precisaremos esclarecer que a trama que se apresenta acima é composta por dois campos distintos: o campo do *Sujeito*, onde estão o agente e a verdade, e o campo do *Outro* onde se apresentam o outro e a produção. Apresentar esses dois campos é fundamental para compreendermos que isso que chamamos discurso do laço social não se dá entre dois sujeitos, se dá entre dois campos. Lacan (Ibid.) destaca que não há nenhum outro, ele só aparece como campo de intervenção, sendo assim, cada discurso vai incluir apenas um único sujeito, não há relação intersubjetiva. O outro com o qual o sujeito vai tentar se articular nessa operação é, na verdade, a imagem que ele possui do outro.

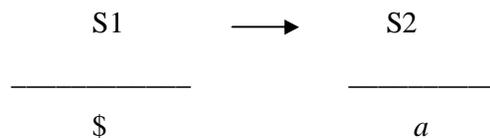
Mas afinal, tal aparelho discursivo é dotado de um movimento que gira no sentido horário, e que podemos ler da seguinte maneira:



Um agente movido por uma verdade, se dirige a um outro que responde com sua produção. Em outras palavras, a dominante de cada laço é agente de uma verdade, que tem a intenção de fazer com que o outro produza algo. “Todo e qualquer discurso é sempre movido por uma verdade, sua mola propulsora, sobre a qual está assentado um agente, que se dirige a um outro a fim de obter deste uma produção.” (JORGE, 2002 p. 46).

Veremos assim, que existem várias maneiras de alguém se portar na condição de agente – como S1, como S2, como \$ ou como *a* – o que trará um efeito para toda a cadeia discursiva. Se temos como agente do discurso o S1 estamos no discurso do mestre; se o S2 é o agente estamos no discurso universitário; no discurso da histórica quem agencia é o \$; no discurso do analista é o objeto *a* que está no comando.

a. O DISCURSO DO MESTRE (DM)



Lacan (1969-1970) considera o discurso do mestre como o discurso sobre o qual nossa cultura se funda. Márcia Freire (2003) comenta que Lacan, não por acaso, dedica grande parte do *Seminário 17* à discussão sobre o mito freudiano do pai da horda. Nesse mito, o assassinato do pai da horda pelos seus filhos tem uma dupla função: a interdição do gozo e a inauguração do laço social entre os irmãos. É assim que Lacan (1969-1970) levantará a equivalência freudiana entre o pai morto e o gozo. Ao assassinares o pai que gozava de todas as mulheres, os filhos não tiveram – como talvez imaginassem – acesso ao mesmo gozo, ao contrário, tiveram que abdicar do gozo para fundar uma comunidade fraterna. A morte do pai instaura assim, a Lei simbólica, um interdito, que dirá não ser possível ter acesso a tudo – marca de fundação da cultura humana.

A partir deste momento, o significante mestre fica inscrito como aquele traço que permite a todos os irmãos uma identificação comum, uma identificação que não seria dada pela cadeia se ela não marcasse Um, um primeiro significante (FREIRE, 2003 p. 53).

Passamos, portanto, à compreensão do mecanismo do discurso do mestre, no qual o S1 ocupa o lugar dominante. O que isso quer dizer? Para explicar o discurso do mestre, Lacan (1969-1970) vai retomar a dialética do senhor e do escravo em Hegel, dialética necessária para que o mestre atue como tal e que o escravo o reconheça como tal – fazendo-nos concluir que é o mestre quem depende do escravo para se manter em sua posição. Sendo assim, o agente do discurso do mestre só se mantém como S1 pelo poder, pela lei que o autoriza a subjugar o outro. Mas o que há de interessante nessa operação discursiva é que – por outro lado – o saber e o gozo não estão com o senhor, e sim com o escravo. O mestre vai estar com a verdade, com a lei e com o poder. O escravo – como seu outro possível nessa relação – está com o saber (S2) e o gozo (*a*). Nesse discurso, o mestre comanda, mas não sabe fazer – o saber está com o escravo – é ele quem tem o *savoir-faire*. É o escravo quem sabe e

sabe ainda mais o que o mestre quer, dirá Lacan (1969-1970). Ao mestre cabe apenas um pequeno esforço para que a coisa funcione: dar uma ordem (1969-1970). Ao mestre só importa que as coisas funcionem, não importa porque ou como funcionem. Mas qual será a verdade no discurso do mestre?

É necessário que, primeiramente, levantemos aqui o que vem a ser a verdade para a teoria lacaniana dos discursos. Lacan (1969-1970, p. 59) dirá:

Nenhuma verdade pode ser localizada a não ser no campo onde ela se enuncia – onde se enuncia como pode. Portanto é verdade que não há verdadeiro sem falso, pelo menos em seu princípio. Isto é verdadeiro. Mas que não haja falso sem verdadeiro, isto é falso.

Comprendemos que se por um lado é impossível dizer toda a verdade, também não é possível dizer sem a verdade, ou seja, nenhum discurso se instaura se não partindo de uma verdade, sua mola propulsora. A dominante do discurso só age sustentada por uma verdade, ainda que uma meia-verdade e como podemos notar, situada sob a barra. Isso quer dizer que tal verdade também não é óbvia, está oculta, escamoteada. A verdade que fica escamoteada no discurso do mestre é o \$ – o sujeito barrado – o sujeito castrado, portanto, o que o discurso do mestre escamoteia é que, na verdade, o mestre é castrado. Valmir Sbrana (2003) dirá que o discurso do mestre traz consigo o germe de seu fracasso, pois tem como efeito primeiro uma resistência à sua ação.

Assim funciona o sujeito atravessado pelo inconsciente, agenciado pelo S1: o sujeito procura responder como *Eu*, como enunciador do discurso, solução que sempre fracassa, já que há sempre algo que se apresenta do sujeito – que escapa do comando de S1 – mediante o qual o sujeito goza. Por isso, Lacan (1969-1970, p. 62) vai dizer que o discurso do mestre é o discurso do inconsciente, inconsciente que, assim como a linguagem, nos governa, nos comanda, rompendo com a idéia de que possa haver um *Eu* unívoco, capaz de controlar e

comandar o próprio desejo. “Quando digo emprego da linguagem, não quero dizer que a empreguemos. Nós é que somos seus empregados”.

E por fim, o que o discurso do mestre produz é o *a*, para o escravo um mais-de-gozar, porque afinal, é um gozo que ele produz para o mestre, para satisfazer o mestre. Ao se colocar na posição de mestria, o agente sempre trata o outro como escravo, exerce sobre ele poder de governo para fazê-lo produzir gozo, gozo para satisfazer o mestre. E ninguém sabe melhor o que fazer para satisfazer o mestre do que o escravo, já que é ele quem sabe o que o mestre quer. Mas, para que tal discurso funcione, é necessário que o escravo autorize o mestre a governá-lo, pois há uma verdade que está velada, a de que o mestre é castrado e precisa da lei para se impor. O discurso do mestre é o discurso do governo, do comando e fundador de grande parte das instituições modernas.

b. O DISCURSO DA HISTÉRICA (DH)



Ao fazer um quarto de giro em nosso aparelho discursivo o que temos é o discurso da histérica. Começaremos a tratar desse discurso partindo do enunciado lacaniano: “A histérica quer um mestre” (Ibid., p. 111). Como sabemos, Freud inventou a psicanálise através de sua experiência clínica com as histéricas. O que as histéricas da época faziam era, exatamente, o que o discurso em questão faz de melhor: demandar um mestre apenas para contestá-lo. As histéricas se tornaram um enorme desafio para a medicina da época, porque apresentavam sintomas corporais que não tinham nenhuma correspondência orgânica,

mostrando aos médicos, aos mestres, o fracasso deles em curá-las de suas enfermidades. Assim é o discurso da histérica: o sujeito do inconsciente (\$) com seus sintomas se dirige ao outro, o mestre (S1), demandando que ele produza um saber (S2) sobre ela. Mas a verdade em jogo nesse discurso é que a histérica goza com seu sintoma, e o saber produzido pelo outro nunca dará conta desse gozo, porque, afinal, o gozo está sob a barra, inconsciente.

Sabemos que a experiência analítica se fundamenta no discurso da histérica. Trata-se de um sujeito que se mostra dividido e que supõe num outro seu mestre, do qual demanda um saber que responda sobre sua divisão (\$). Foi o que, inicialmente, Freud fez: respondeu às histéricas do lugar de mestre, do lugar que elas lhe demandavam, através da hipnose. Freud as hipnotizava, apropriava-se de saberes que elas manifestavam nesse estado alterado de consciência, para, em seguida, comunica-las. Todavia, o que Freud percebeu é que tal procedimento não surtia o efeito desejado, que era a cura. Ao entrar no discurso da histérica como um mestre, Freud não conseguia acessar o gozo – a verdade que movia os sintomas daquelas mulheres. Entendemos então, que a grande sacada de Freud foi responder ao discurso da histérica com um outro discurso, o discurso do analista, que veremos mais adiante.

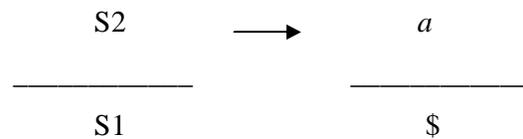
Como já dissemos, da mesma maneira que o mestre deseja comandar, o que a histérica quer, quando agencia seu discurso, é fazer desejar, colocar-se como causadora do desejo do outro. Por isso, como nos dirá Lacan (ibid.), a histérica se coloca como preciosa para o outro, pois delega ao outro que ele ocupe a posição de comando, ela demanda do outro que ele seja seu S1, seu amo. É assim que a histérica seduz, demanda que o outro a deseje, a tome como valorosa. Mas, vejamos no que a histérica se enrola: é que ela quer que o outro a deseje, mas não é capaz de se apresentar como objeto (*a*), quer ser desejada como sujeito (\$), e aí reside toda a sua problemática. Por isso se diz que a histérica está sempre insatisfeita, ela quer que o outro seja seu amo, mas não se submete a ele, só o coloca no trono para destroná-

lo. É o engodo da histérica que Freud vai desvelar para inventar a psicanálise, pois, mesmo sendo verdade que, no discurso da histérica, o sujeito demande ao outro que ele seja seu mestre, de fato, seu desejo é destituir o outro, é mostrar para o outro o quanto ele nada sabe sobre sua verdade. Nas palavras de Lacan (ibid., p. 122), o que a histérica quer é “um mestre sobre o qual ela reine. Ela reina e ele não governa.”

Como produto do discurso da histérica temos o saber (S2), mas um saber produzido pelo outro, o que não ajuda em nada ao agenciador desse discurso para produzir um saber próprio – o saber produzido no discurso da histérica estará sempre alienado ao outro. Por fim, agenciando esse discurso está \$, o inconsciente, o sintoma, com todos os seus enganos e questionamentos, concluímos assim que, não é por acaso que Freud descobre o inconsciente com as histéricas, elas o dão a ele de bandeja.

Com mais um quarto de giro no discurso da histérica teremos o discurso do analista, mas inverteremos a ordem para tratá-lo depois. Seguiremos com o discurso universitário que corresponde a um “passo atrás” no discurso do mestre, e um “passo adiante” no discurso do analista.

c. O DISCURSO UNIVERSITÁRIO (DU)



O discurso universitário é considerado, juntamente com o discurso do mestre, um discurso da civilização, por serem ambos, os discursos da dominação, sendo que, o primeiro, exerce o domínio pelo saber, e o último, pelo poder. Os discursos do avesso da

civilização, por sua vez, seriam: o discurso da histórica e o discurso do analista. Dizer que o discurso universitário pretende exercer comando pelo saber fica claro quando percebemos a posição do S2 como agente dominante do discurso. Ter o saber no comando é considerar a possibilidade de haver um saber poderoso, universal. Lacan (Ibid.) vai situar a emergência histórica desse discurso, quando o filósofo vai se apropriar do saber-fazer do escravo para transformá-lo em saber de senhor, ou seja, saber teórico. Lacan (Ibid.) vai citar o diálogo de Platão – Menon – no qual Sócrates faz perguntas a um escravo, com o objetivo de mostrar que o escravo sabe. Diálogo que vai demonstrar, no entanto, a expropriação do saber do escravo pelo senhor. Ao transformar o *savoir-faire* do escravo (Menon) em saber teórico, o que Sócrates faz é “arrebatar do escravo sua função no plano do saber” (p.19).

O discurso universitário se apresenta com o saber no lugar de senhor, tiranizando o outro, tratando-o como objeto (*a*), como resto, como coisa. Com o saber no comando, o outro será mero objeto, o que emenda com o que Lacan (Ibid.) dirá do discurso universitário: o discurso do mestre pervertido. O saber no formato do discurso universitário se traduz num conhecimento, organizado e cumulativo, capaz de converter-se numa burocracia (SOUZA, 2003), que apaga o desejo, o desejo de saber.

Sbano (2003) faz uma aproximação do discurso universitário com a neurose obsessiva. O que opera na neurose obsessiva é, exatamente, uma tentativa de apagamento do afeto, associada a uma hipertrofia do pensamento, a fim de evitar que o desejo se torne consciente. Sendo assim, o sujeito (\$), produto do discurso universitário, é um sujeito desafetado, um mero repetidor de enunciados nos quais não se faz presente com seu desejo. Sbano se utilizará das palavras “engessado”, “petrificado” e “mumificado” (2003, p. 28 e 29), para descrever o sujeito produto desse discurso. No entanto, caso o sujeito recuse a se deixar formatar pelo discurso universitário irá se rebelar, se tornar um revoltado.

Lacan (1969-1970) nos dirá que o discurso da ciência moderna se alicerça no discurso universitário, colocando o saber no comando, ditando teorias para tudo. O outro do discurso universitário é o estudante, escravo do saber, porque, afinal, ele tem que produzir alguma coisa que responda ao saber. Lacan (Ibid.) dirá que o explorado pelo discurso universitário é facilmente reconhecível: o estudante. No lugar de escravo, o estudante é aquele que crê nesse saber que segue no domínio. Quinet (2006) comenta que o sujeito que responde ao discurso universitário é o sujeito da crença, o sujeito da Igreja Universal, já que é lá que se encontra o máximo da totalidade do saber, aquele que tudo sabe – o Onisciente.

Para saber sobre a verdade que está em jogo no discurso universitário é preciso olhar para o lugar abaixo e a esquerda, lá encontramos o S1, o autor ou o inventor. Mas, o autor está sob a barra, que já sabemos significar que tal verdade está recalcada. Sbrano (2003) dirá que o essencial para tal saber é que ele seja universal e bem fundamentado, de forma a dispensar enunciação. Entendemos, portanto, que em tal discurso importa “o que se diz” e não “quem diz”, é o enunciado sem enunciação, que é exatamente o ideal científico: produzir um saber que não contenha nenhum S1 do cientista, do pesquisador ou do autor. A busca da tão sonhada neutralidade científica, fica aqui evidenciada, na tentativa de ocultar o S1, a mola propulsora desse discurso.

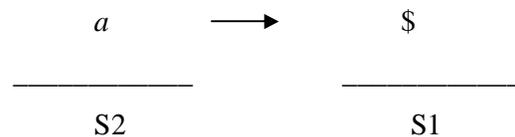
Retornemos agora para o S2 no comando do discurso, para entender que o discurso universitário pretende buscar, como nos dirá Denise Blanc (2002), respostas prontas e acabadas, visando a universalidade, ou seja, acabar com a diferença. É o discurso da burocracia que tem como pretensão anular as singularidades, promovendo enunciados que respondam a todos. Lacan (1969-1970, p. 29) dirá que o discurso universitário quer “tudo-saber”².

² O original, *tout-savoir*, admite outra tradução que seria “todo-saber” (nota do tradutor do *Seminário 17*, p. 205).

Coutinho Jorge (2002) vai afirmar que o discurso universitário foi o responsável pela psicologização da psicanálise, segundo esse autor, grande parte dos desvios realizados pelos psicanalistas pós-freudianos se deve ao fato de conduzirem as análises pelo discurso universitário. Criticar a utilização psicologizante da psicanálise, promovendo um retorno a Freud, foi certamente a maior contribuição de Lacan para a invenção freudiana, contribuição que foi, e tem sido fundamental, para que a teoria psicanalítica se mantenha viva, em movimento, afastada de quaisquer preceitos burocratizantes e totalizadores.

Partindo do discurso universitário daremos um “passo atrás” para chegarmos ao discurso inaugurado pela psicanálise: o discurso do analista.

d. O DISCURSO DO ANALISTA (DA)



O tipo de discurso que Freud inventa para lidar com as histéricas será a base de sustentação da clínica psicanalítica: é o discurso do analista. Como já dissemos, a clínica das histéricas demonstra, para Freud, que manter-se no lugar da mestria para tratá-las, era mantê-las no discurso da histérica, discurso do qual se fazia necessário movê-las, para que os sintomas deixassem de ser a dominante. E assim Freud promove um quarto de giro no movimento discursivo que as histéricas lhe apresentavam, ingressando em um discurso que é o avesso do discurso do mestre. É daí que Lacan tira o nome para o seu *Seminário 17*, o discurso do mestre é *o avesso da psicanálise*. Partindo daí, entendemos que psicanalisar – profissão tão impossível como a de governar e educar – é tão somente tomar uma posição

dentro de uma teia discursiva. Mas que posição é essa que o analista ocupa como agente do discurso? Verificando a fórmula algébrica de Lacan (1969-1970) temos no lugar do analista o *a*. Agenciar o discurso como objeto (*a*) é apresentar-se como o efeito mais opaco do discurso, efeito de rechaço, resto da operação da linguagem. Freire (2003) afirma que a psicanálise se ocupa do fracasso, do fracasso da fala (ato falho).

Apesar de todos os discursos possuírem o objeto *a* em sua formulação, no discurso do analista é que ele será colocado numa posição privilegiada: a de agenciador. Lacan (1969-1970) dirá que a posição do analista deve se encontrar no pólo oposto de toda vontade de dominar. É assim que discurso do mestre e discurso do analista são concebidos: como avesso um do outro.

“Oferecer-se como ponto de mira para o desejo de saber”, (Ibid., p. 100), “oferecer-se como causa de desejo” (Ibid., p. 99) são outros nomes que Lacan dá à posição do agente do discurso do analista, único discurso onde o lugar do agente é ocupado pelo objeto, ou seja, no lugar do analista não há nenhuma pretensão de sujeito. O silêncio do analista – que acabou se transformando numa caricatura – fica mais bem compreendido assim: de que não há nenhum sujeito no comando do discurso do analista, ou seja, o silêncio que o analista faz é um silêncio sobre si mesmo enquanto sujeito, sobre suas crenças, valores, saberes, fantasias, frustrações, etc. “Se o analista não toma a palavra, o que pode advir dessa produção fervilhante de S1? Certamente muitas coisas” (Ibid., p. 33). Sendo assim, é de uma proposta de silêncio do agente do discurso que virá o caráter subversivo do discurso do analista. Lacan dirá que o que há de mais subversivo nesse discurso é “não pretender nenhuma solução” (Ibid., p. 66).

Este novo poder produzido pelo discurso analítico não é um poder de que o sujeito possa se apossar, eliminando sua divisão intrínseca. Há entre este sujeito que trabalha e o poder que seu trabalho produz uma impossibilidade estrutural de integração, de osmose ou assimilação: há uma

barra. Um novo poder emerge do discurso analítico, um novo poder e não um novo sujeito poderoso (SBANO, 2003, p. 40).

Outra particularidade do discurso do analista é ser o único que trata o outro como sujeito (\$). No discurso do mestre o outro é tratado como escravo (S2), no discurso da histórica o outro é tratado como mestre (S1) e, no discurso universitário, o outro é considerado objeto (*a*). Tratar o outro como sujeito é possibilitar que ele se manifeste com sua singularidade, com seu S1, produto do discurso do analista. Mas o sujeito considerado pela psicanálise é o \$ – sujeito do inconsciente – que, ao tomar a palavra, não pode dizer tudo, na medida em que não é unívoco. Se for assim, o que o \$ vai deixar aparecer são seus equívocos, o mal-entendido, para que disso emerja – como produto do discurso – o S1, ou seja, os significantes singulares de cada sujeito.

O sujeito (\$) no discurso do analista é um sujeito ativo, inventivo, criativo, um sujeito que trabalha, não está pronto e acabado. Nas palavras precisas de Sbrano:

Ele trabalha, é ele quem trabalha para que este discurso produza algo. E ele trabalha acionado, por estar confrontado com seu real, pelo que é presença de sua falta, de sua incompletude, de suas insuficiências de seu impossível (2003, p. 35).

Quinet (2006) vai dizer de uma outra especificidade do discurso do analista, a saber, o que ele revela sobre o S1, o significante-mestre. No discurso do mestre o S1 é encarnado pelo governante; no discurso da histórica, é encarnado pelo mestre, e no discurso universitário, é encarnado pelo autor. O discurso do analista é o único no qual o S1 não será encarnado por ninguém; será apenas um significante.

Mas onde está o saber no discurso do analista? Portar o S2 no lugar da verdade e sob a barra do agente nos informa que a verdade desse discurso é que o analista possui um

saber, mas um saber como verdade, ou seja, um saber não completamente sabido (se temos apenas uma meia-verdade, também teremos um meio-saber). Lacan (1969-1970) dirá que essa é, exatamente, a estrutura da interpretação – o saber no lugar da verdade – um saber enigmático que terá apenas perguntas e nunca respostas. Enigma que deve ser o tanto quanto for possível “colhido da trama do discurso do analisante” (Ibid., p. 35), afastando tal saber de se tornar um saber teórico e racional. É por isso que não se aprende a ser analista através da teoria psicanalítica, o saber do qual o analista se utiliza é o saber inconsciente, adquirido em sua própria experiência de análise. O S2 é o *savoir-faire* o “saber-fazer do analista” (FREIRE, 2003 p. 66).

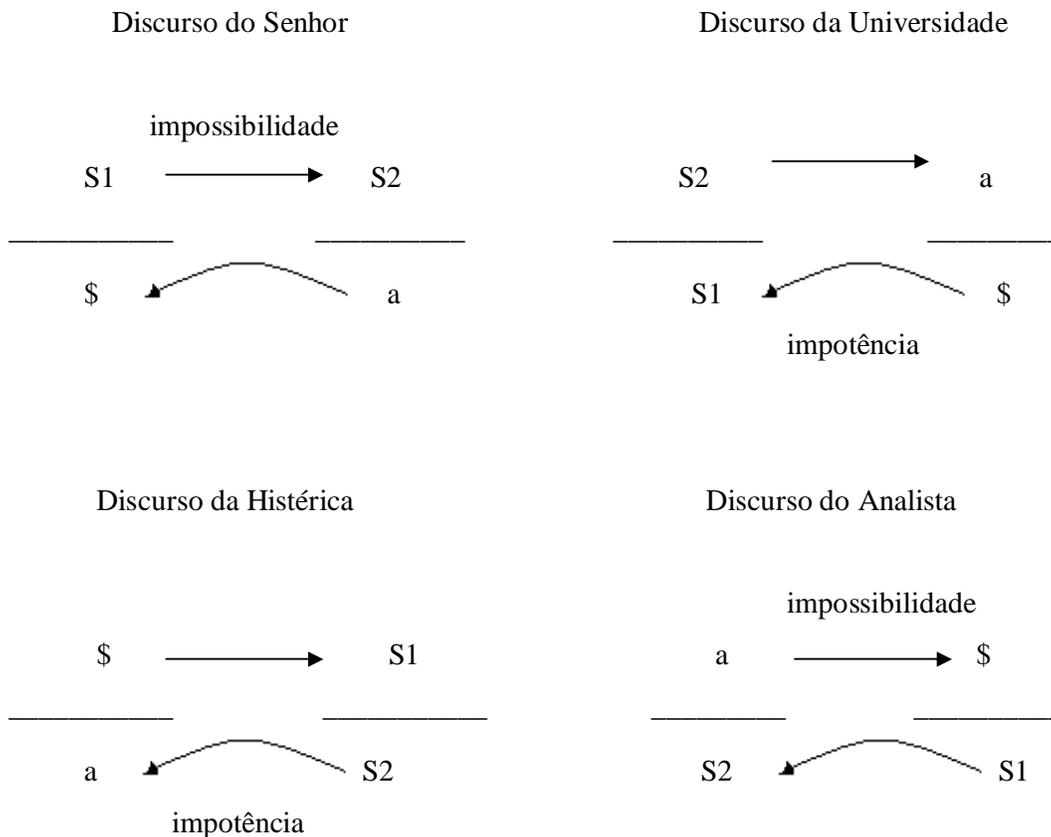
Ainda observando o lugar do S2 no discurso do analista, encontramos também sua mola propulsora, na medida em que o outro supõe que o agente (*a*) possui um saber sobre ele – a isso Freud nomeou de transferência – fundamental para que tal discurso possa se dar. Entretanto, o agente do discurso do analista opera como objeto, o que implica que não fará uso do saber para exercer domínio sobre o outro. Sendo assim, o analista não domina o outro, nem pelo saber (como no discurso universitário), nem pelo poder (como no discurso do mestre), nem pela sedução (como no discurso da histérica), seu comando só pode se dar pela transferência, por aquilo que o agente permite que o outro deposite nele, diríamos: o amor. Se a função do analista não é dominar, Lacan dirá que é: “ser o agente causa de desejo” (1969-1970 p.168), provocar o desejo de saber no outro.

Há algo de uma aproximação entre o discurso da histérica e o discurso do analista, no que se refere a provocar o desejo do outro, entretanto, o que o discurso do analista apresenta de diferente é que – ao contrário da histérica – o analista é capaz de se colocar na posição de objeto para provocar o desejo. Mas o alerta de Lacan (Ibid.) é, exatamente, sobre a dificuldade de se ocupar a posição de objeto *a*, já que é sempre mais fácil escorregar para o discurso da dominação – o discurso do mestre.

5 A IMPOSSIBILIDADE E A IMPOTÊNCIA NOS DISCURSOS

Retomaremos a citação freudiana na qual ele afirma que é impossível governar, educar e analisar, para nos detalharmos um pouco mais sobre o que deva ser a impossibilidade e a impotência nos discursos.

Em seu texto, *Radiofonia* (1970, p. 447), e no *Seminário 20* (1972-1973, p. 27), Lacan tratará desse tema partindo da formulação matemática dos quatro discursos que, dessa vez, será colocada da seguinte maneira:



Entendemos assim, que no que concerne à formulação lacaniana, na metade superior de cada discurso está escrita uma impossibilidade.

Os agentes dos discursos são agentes de alguma coisa que é impossível. É então na linha superior dos discursos que encontraremos a impossibilidade. O mestre não consegue fazer seu mundo funcionar, a histérica não consegue se fazer desejar, não se consegue educar o desejo. E o analista, como é um objeto comandar? (SILVEIRA, 2008, p.1).

Com efeito, afirmar que analisar é uma tarefa impossível é partir de uma referência importante: haverá uma espécie de fracasso nessa forma de laço, assim como em qualquer outra. Entretanto, é essa mesma impossibilidade – essa “imperfeição” discursiva – que faz mover o próprio laço em direção a uma possibilidade. Isso quer dizer que o homem só se dispôs a fazer uso do discurso, na medida em que sua forma de enlaçamento com o mundo se dá de maneira incompleta, “não-toda”, para utilizar o termo de Lacan (1969-1970). “[...] Um impossível radical vigora entre sujeito e outro, impossível que funda mesmo, todo e qualquer discurso, que visa produzir aí algum grau de possibilitação” (JORGE, 1988, p. 160).

Lacan (1972-1973) nos fala da impossibilidade de fazermos Um com o outro, assim como pretende a relação amorosa, todavia, é exatamente tal impossibilidade que faz perpetuar essa forma de relação, ou seja, é exatamente por não formarmos Um, que permanecemos numa forma de enlaçamento possível entre um e outro. Formar Um, nesse sentido, tem a função de criar uma completude, uma plenitude, que inviabiliza qualquer necessidade de laço, afinal, o Um não precisa de nenhum outro³.

Percebe-se assim, que todas as formas de laço social traduzidas por Lacan (1969-1970) através de suas matrizes discursivas, são tentativas de contornar o impossível do encontro com o real, que de fato é, para nós, inacessível. O real não é para ser sabido, afirma Lacan (1970), sendo assim, assumir o impossível dos discursos é nos afastar das idealizações.

³ Segundo Lacan, “o amor é dar o que não se tem” (1969-1970, p. 49). Entendemos assim que, para que alguém esteja em condições de amar, é necessário primeiramente achar-se incompleto, imperfeito. Quem já tem tudo, ou seja, quem já se basta, não é capaz de amar.

É compreender que não existe uma verdade absoluta, mas apenas meias-verdades, verdades possíveis. A noção de impossível em psicanálise é, portanto, a constatação de um limite.

Lacan (1969-1970) vai nos alertar, entretanto, que quando nos deixamos levar pelo amor à verdade – quando esquecemos que ela, a verdade, não pode ser acessada inteiramente – buscamos velar o nosso limite, caindo assim na impotência. “É por nos tornarmos amantes da verdade que ficamos paralisados em nossa impotência” (SILVEIRA, 2008, p. 2). A impotência seria uma tentativa de nos protegermos de nossas impossibilidades.

A impotência é o que demonstra a metade inferior de cada discurso: há uma barreira de acesso ao gozo, há uma disjunção entre a produção de um discurso e sua verdade (LACAN, 1970, p. 445), ou seja, o produto de cada discurso é sempre impotente para mostrar sua verdade. E se ficamos obcecados pela intenção de encontrarmos uma verdade que possa reinar de forma plena em cada discurso, ficamos paralisados na impotência. A verdade é irmã da impotência, nos dirá Lacan (1969-1970). Ao não aceitarmos o impossível nos instalamos na impotência.

Diante disso, novamente invocamos o que o discurso do analista traz de inovador em sua maneira de lidar com o impossível. Se no discurso do analista o impossível ocupa a posição de agente, isso faz dele o único discurso que assume de maneira escancarada seu impossível. Lacan (1972-1973) nos dirá que no discurso do analista a verdade é minorizada assim como ela merece.

6 O DISCURSO DO ANALISTA E SEU MODO DE LIDAR COM O IMPOSSÍVEL

A descoberta freudiana do inconsciente nos dá uma pista para compreendermos como o discurso do analista vai lidar com o impossível. Freud descobre o

inconsciente quando percebe que há uma descontinuidade no discurso do sujeito. Os chistes, os lapsos e os atos falhos vão demonstrar que o sujeito não é unívoco, ou seja, ele não está lá todo o tempo no controle da linguagem e é quando sua divisão emerge que sua impossibilidade se evidencia. Miller (1997) dirá que esses são momentos nos quais o sujeito se vê ultrapassado pela palavra. O inconsciente – quando recalçado – é o sinal da castração do sujeito, da impossibilidade de dar conta de todo o real, é a falha, a descontinuidade no discurso. Sendo assim, o que o discurso do analista evidencia e dá importância é o que todos os demais discursos tentam resolver ou ocultar: o mal-entendido. Vejamos o que acontece quando, por exemplo, cometemos um ato falho – queremos dizer uma coisa e dizemos outra que até mesmo contradiz a primeira intenção. A reação mais imediata é a de reparar o equívoco, retomar o controle sobre aquilo que nos atravessou⁴. O que a psicanálise inventa com seu discurso é uma maneira de fazer uso disso, que seria apenas um dejetivo, um refúgio da linguagem a ser descartado⁵.

Seguir o fio do discurso analítico não tende para nada menos do que refraturar, encurvar, marcar com uma curvatura própria, e por uma curvatura que não poderia nem mesmo ser mantida como sendo a das linhas de força, aquilo que produz como tal a falha, a descontinuidade. Nosso recurso é, na língua, o que a fratura (LACAN, 1972-1973, p. 61).

Se o discurso do analista é capaz de colocar na posição de comando o que é a própria fratura de tal discurso, quer seja, o real – outro nome do objeto *a* – temos o que há de subversivo nesse discurso: assumir o impossível, ou seja, assumir que é impossível educar, governar, se fazer desejar ou analisar, sem que algo fracasse. No entanto, o que geralmente se

⁴ Nos últimos meses muito tem se falado sobre a crise na economia mundial e do abalo que ela provoca e ainda provocará na vida dos cidadãos de todo o mundo. Chefes de estado, economistas, políticos e os mais variados especialistas têm sido convocados a dar suas opiniões sobre tal crise e na fala de muitos deles se percebe que o maior desejo é que tudo possa ser reajustado de maneira a recuperar o controle perdido. O que se espera de tal “crise” é que seja apenas um relâmpago de turbulência, até que tudo volte “ao normal”. No entanto, seria bem mais rico e interessante considerar essa “crise” como um momento fértil para questionamentos e mudanças.

⁵ O sonho – outro instrumento utilizado pela psicanálise – é considerado, por grande parte das ciências, como uma espécie de lixo, um excremento mental.

faz nos demais discursos é tentar encobrir esse impossível que o discurso do analista evidencia.

Lacan (1972-1973) afirma que sempre que tentamos tapar, colmatar o impossível, caímos na impotência. Ao nos defendermos do impossível, nos instalamos na impotência. Já dissemos que todo discurso é uma tentativa de dar conta desse impossível, de nomear o inominável. No discurso do mestre tentamos comandar o impossível, fazendo com que ele se submeta às nossas ordens. Pelo discurso universitário tentamos nomear o impossível criando sobre ele saberes: científicos, teóricos ou religiosos. No discurso da histórica a saída é ficar se queixando do impossível. Em todos esses casos, ao tentarmos encobrir de alguma forma o impossível, caímos na impotência.

No discurso do analista, por outro lado, a impossibilidade, o fracasso, o mal-estar é exatamente aquilo que assumirá a posição de agente. O que faz de tal discurso o único onde o impossível não pode ser silenciado e sim escutado. Assumir a posição de analista é, portanto, suportar este lugar impossível; é permitir que o fracasso agencie o discurso; é acolher o mal-estar. Ao contrário do que comumente se pensa: uma análise não caminha no sentido de que tudo fique *bem-entendido*, uma análise se ocupa é do *mal-entendido*.

Como já foi dito, todas as modalidades discursivas são igualmente impossíveis para remediar o irremediável, para responder as questões sobre o sexo e a morte, para fazer com que se apreenda o real e para que a operação da linguagem se faça sem resto. O que o discurso do analista tem de inovador é que ele é o único que assume esse impossível, acolhendo a limitação do sujeito humano em fazer com que o mundo gire estável, sem grandes saltos. O que há de inédito no discurso do analista é que ele é o único a se sustentar exatamente no impossível, assumindo que não se pode encobri-lo, comandá-lo ou silenciá-lo, mas que isso não implica em, necessariamente, ficar impotente diante dele. Sendo assim, o

verdadeiro psicanalista é aquele que não teme assumir o impossível – de sua posição e de sua profissão.

7 REFERÊNCIAS

BLANC, D. “O mestre castrado”. In: JORGE, M. A. C.; RINALDI, D. (Org.). *Saber, verdade e gozo - Leituras de O Seminário livro 17, de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

FREIRE, M.. *A intervenção do discurso analítico na estrutura de linguagem*. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica). UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. (1920). *Além do princípio do prazer*. vol. XVIII.

_____. (1930/1929). *O mal-estar na civilização*. vol. XXI.

_____. (1937). *Análise terminável e interminável*. vol. XXIII.

_____. (1930/1929). *Prefácio à juventude desorientada, de Aichhorn*. vol. XIX.

JERUSALINSKY, A. “O outro do pedagogo”. In: *Revista APOA. Psicanálise e Educação: Uma transmissão possível*. Publicação Interna. v. 9, n. 16, jul. 1999. Disponível em: <<http://www.apoa.com.br/download/revista16.pdf#page=6>> Acesso em: 6 de dezembro de 2007, às 19h00min.

JORGE, M. A. C.. “Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos”. In: JORGE, M. A. C.; RINALDI, D. (Org.). *Saber, verdade e gozo - Leituras de O Seminário livro 17, de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

_____. “Sexo e discurso”. In: _____. *Sexo e discurso em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988. p. 152-207.

LACAN, J. (1970). “Radiofonia”. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. (1969-1970). *O Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. (1972-1973). *O Seminário – livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

_____. (1967). “Proposição de 9 de outubro de 1967”. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 248-264.

MILLER, J.-A. *Lacan elucidado — palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

PETRI, R. *Psicanálise e educação no tratamento da psicose infantil: quatro experiências institucionais*. São Paulo: Editora Anna Blume, FAPESP, 2003.

QUINET, A. *Psicose e laço social. Esquizofrenia, paranóia e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

RAJCHMAN, J. *Eros e verdade. Lacan, Foucault e a questão da ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

SBANO, V. (2003). *Ensino de psicanálise nas universidades*. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica). UFRJ: Rio de Janeiro, mar., 2003.

SILVEIRA, P. D. “A impossibilidade e a impotência dos discursos”. In: Site do Tempo Freudiano Associação Psicanalítica. Disponível em:
<<http://www.tempofreudiano.com.br/artigos/detalhe.asp?cod=40>> Acesso em: 10 de agosto de 2008, às 20:00.

SOUZA, A. *Os discursos na psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

PSYCHOANALYST: PROFESSION IMPOSSIBLE

ABSTRACT:

Freud believed analyze as well as educate and govern, a task impossible. Lacan part of this freudian statement to build his theory of speech. The master's speech, the university's speech, the histeria's speech and the analyst's speech are the four modes of tie considered by Lacan - in four different ways to relate to the other - all equally unable to give an account of the real, all fragile and imperfect. The uneasiness and failure modes inherent to our lacings reach, however, a privileged place in the analyst's speech, which makes this the only speech that is based be capable of assuming its impossibilities.

KEYWORDS: Uneasiness ties. Position of the analyst. Lacanian theory of the four speeches.

PSYCHANALYSTE: PROFESSION IMPOSSIBLE

RÉSUMÉ:

Freud croyait analyser, ainsi que d'éduquer et de gouverner, une tâche impossible. Lacan freudien partie de cette déclaration pour construire sa théorie du discours. Le discours du capitaine, de l'université du discours, le discours de l'hystérique et le discours de l'analyste sont les quatre modes de liaison considérée par Lacan - de quatre manières différentes de se rapporter à l'autre - tout aussi impossible de rendre compte du réel, toutes les fragiles et imparfaites. Le malaise et les modes de défaillance inhérents à notre laçage atteindre, toutefois, une place privilégiée dans le discours de l'analyste, ce qui en fait le seul discours qui se fonde soit capable d'assumer ses impossibilités.

MOTS-CLÉS: Malaise des liens. La position de l'analyste. La théorie lacanienne des quatre discours.

Recebido em 09/04/2009

Aprovado em 25/05/2009

© 2009 *Psicanálise & Barroco em revista*
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura
Campus Universitário – ICH – Bairro Martelos
Juiz de Fora, MG - Brasil
Tel.: (32) 2102 3117

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista